

Isolamento – momento de criação e recriação Deprivação: um retorno ao isolamento como momento de recriação

Isolation – a moment of creation and re-creation

Deprivation: a return to isolation as a moment of re-creation

Maria de Fátima de Amorim Junqueira*

Resumo: Meu objetivo neste trabalho é falar sobre o isolamento em diversos momentos do desenvolvimento da vida, dando uma ênfase específica à criança que sofre a privação. Trago luz sobre este conceito como um momento de reclusão e interiorização, que tem em seu cerne a possibilidade da criação e da recriação. Sigo trabalhando este conceito de isolamento dentro da teoria de Winnicott ao longo dos estágios de desenvolvimento sob a ótica da dependência, chegando à hipótese da existência de uma capacidade para o isolamento. Aproximo este conceito de isolamento com a situação atual pandêmica e as possíveis saídas criativas, nomeando-as de rearranjos criativos.

Palavras-chave: Capacidade para o isolamento. Solidão. Capacidade para estar só. Criatividade. Rearranjos criativos. Tendência antissocial. Deprivação. Pandemia.

Abstract: My goal in this paper is to talk about isolation in several moments of the life development, giving specific emphasis on the child suffering from deprivation. I bring this concept to light as a moment of seclusion and interiorization, which has at its heart the possibility of creation and recreation. I keep working on this concept of isolation in Winnicott's theory over the development stages under the optics of dependency reaching the hypothesis of the existence of a capacity for isolation. I take this concept of isolation close to the current pandemic situation and the possible creative outlets, naming them creative rearrangements.

Keywords: Capacity for Isolation. Loneliness. Capacity to be alone. Creativity. Creative rearrangements. Antisocial tendency. Deprivation. Pandemic.

* Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

Como Winnicott nos apresenta a vida?

Segundo esse autor, vivemos entre dois estados de não existir. O primeiro não existir vem seguido de um estado que ele chama de solidão essencial ou isolamento essencial, e o segundo não existir se refere a outro estado de solidão, mas como a morte concreta. Portanto, nas nossas origens passamos por um estado de isolamento essencial.

Em seu texto *Ausência de sentimento de culpa* de 1966, Winnicott nos diz: “É a partir de não ser criativo, de estar isolado, que a criação de objetos e do mundo passa a ter um significado. O prazer da companhia só existe como um desenvolvimento a partir do isolamento essencial, o isolamento que reaparece quando o indivíduo morre” (1966/1995, p. 116).

Em no artigo *Um estado primário do ser: os estágios pré-primitivos de 1967*: “No princípio há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo, tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima.”

A solidão pode se dar porque existe um outro cuidando do entorno. Aqui, podemos relacionar o cuidado inicial concedido pelo ambiente com o cuidado que podemos fornecer a pacientes que nos procuram e, essencialmente, àqueles que necessitam viver momentos regressivos para viverem talvez, pela primeira vez, essa experiência do cuidado. Este cuidado fornece uma ambiência propícia para o exercício da criatividade primária inata postulada por Winnicott. A criatividade primária consiste na crença de que cada ser humano precisa criar novamente o mundo, o seu mundo. A criação do objeto subjetivo, através da experiência de onipotência revela-se na sua primeira expressão do exercício desta criatividade primária.

É necessário que haja alguém que apresente o mundo moderadamente e traduza para o bebê seus movimentos criativos, e essa pessoa é inicialmente a mãe ou quem a substitua. A mãe, através de sua sensibilidade, compreenderá e deixará que esses movimentos tornem-se atos criativos. Através de sua adaptação sensível às necessidades de seu bebê, a mãe possibilitará que ele, a cada gesto seu de encontro ao objeto, viva a ilusão de estar criando-o, e assim o bebê vai criando o mundo. A partir de uma primeira mamada teórica, podemos entender esse movimento de criação. Se no momento em que sente fome, proveniente de uma necessidade, a mãe estiver lá, pronta para lhe dar o seio (ou a mamadeira), o bebê terá a ilusão de que o seio foi criado por ele. Outras situações ocorrem derivadas de necessidades do bebê, e se lhe é dada a chance de ir descobrindo os objetos, acompanhado da ilusão de que foi ele quem os criou, encontram-se abertas as portas para um incessante viver criativo. Viver criati-

vo no qual o indivíduo passará a lidar criativamente com os objetos reais, encontrados por ele no mundo externo. Do contrário, se o gesto espontâneo e criativo do bebê não encontrar essa mãe (ambiente) que favoreça a ilusão, o sentimento de onipotência, encontraremos um viver sem criatividade, um viver da ordem da submissão, do conformismo, que provoca sensação de vazio, de inutilidade, tornando a vida um fardo, ao invés de uma conquista.

A sensação de que a vida vale a pena ser vivida é resultado da posse desse viver criativo, isto é, da possibilidade de mediar a experiência do mundo objetivo com a ilusão, da possibilidade de se arriscar no mundo e transformá-lo, da possibilidade de reviver experiências já vividas de uma forma nova e de enfrentar situações nunca antes vividas. Tal como o que estamos passando hoje com a pandemia; enfim, de resultados de uma relação vivida com cuidado e amor nos momentos iniciais da vida.

A questão da natureza humana para Winnicott versa sobre a busca do ser. Encontramos pessoas em nossos consultórios que estão à procura de Ser; à procura de se sentirem reais. Quando se fala nesta procura de Ser, estamos nos referindo à capacidade para a integração que é alcançada quando se pode dizer: “Eu Sou”.

A sequência no amadurecimento se dá na progressão: continuidade de ser/eu sou pessoa total. Sobre a continuidade de ser, ela já existe desde o ambiente do bebê dentro do útero. Winnicott já pontuava isto em seu texto de 1949 *Memórias de nascimento*.

E no texto *A comunicação entre o bebê e sua mãe* ele diz:

A base de todas as teorias sobre o desenvolvimento da personalidade humana é a continuidade, a linha da vida, que provavelmente tem início antes do nascimento concreto do bebê; continuidade em que está implícita a ideia de que nada daquilo que fez parte da experiência de um indivíduo se perde ou pode jamais vir a perder-se para este indivíduo mesmo que por força de causas complexas e variadas, viesse a tornar-se (como de fato se torna) inalcançável à consciência (WINNICOTT, 1968b/1988, p. 79).

Já estaria assim presente, antes do nascimento, uma continuidade de ser, sujeita a intrusões, isto é, o feto já estaria experimentando processos de descontinuidade. Processos que implicam perdas momentâneas da identidade, e ênfase do ambiente que passa a estar em primeiro plano, em detrimento do indivíduo. Essas descontinuidades ficam registradas em memórias corporais,

que Winnicott vai chamar de catalogações que irão facilitar o momento posterior, o próprio nascimento.

Portanto, no momento do nascimento o fato de ter havido estas experiências anteriores faz com que esse processo natural não se constitua como um momento traumático. É como se o feto já tivesse adquirido a possibilidade de lidar com pequenas interrupções. Mostrando, assim, que falhas, interrupções na continuidade de ser – desde que não sejam excessivas na continuidade e na contiguidade – favorecem o desenvolvimento.

Winnicott nos fala de rudimentos de ego e de sensações que o bebê tem antes do nascimento. Hoje vários estudos sobre o feto corroboram a ideia de que antes do nascimento há indícios de percepções, de que ele já reage a vários estímulos.

O bebê vive momentos de isolamento alternados com momentos em que sua sensorialidade, aí já presente, vai acumulando experiências. Poderíamos falar de uma presença, já nesta relação intrauterina, de uma intersubjetividade primária. Nas palavras de Winnicott uma comunicação silenciosa – a mutualidade – entre os afetos e reações corporais da mãe e os de seu filho.

Aprecio muito a terminologia de que Winnicott lança mão; falei aqui inicialmente em capacidade para a integração, e ele nos fala em capacidades múltiplas que o bebê tem para realizar, isto é, para torná-las de fato conquistadas. Entre elas a capacidade para integração, para realização, para a culpa, para o *concern*, para a ambivalência, para o estar só e assim vai... podemos chegar, quem sabe?, na capacidade para o isolamento

Retornando ao desenvolvimento, este vai se dando no alcance dessas capacidades; sabemos ser necessária a presença de um ambiente propício que esteja lá para acolher os gestos e possibilitar que as experiências se deem, dando um lugar para a continuidade de ser e, derivando no caminho da sensação de que a vida vale a pena ser vivida. Esta sensação se dá pela confirmação de que este ambiente, sendo suficientemente bom, nos apoia e abre portas para podermos nos arriscar. Ficamos com a fé – com a esperança.

Aqui eu gostaria de assinalar o uso da palavra *suficiente*: ser suficiente é o que poderíamos dizer informalmente como “dá para o gasto”; é a própria mãe comum dando conta de seu filho. O essencial é que ela se perceba dentro desse cuidado, que esteja implicada nessa relação.

Então, voltando... podendo-se experienciar repetidamente essa continuidade de ser, chega-se à vivência do estar vivo. Novamente aqui vou apontar uma palavra que tem também muita força em sua obra: *Experienciar...* viver

experiências... Experimentamos desde o início como bebês e depois, ao longo de nossa vida, situações ou relações em que se tem uma continuidade, uma repetição, um ritmo; elas fortalecem nosso ego e nos compõem.

Ao experienciar, viver o fato, este passa a ser assimilado pelo indivíduo e vivido como seu – como real. Este ponto é um grande diferencial na vida do ser humano. Se algo não é experienciado e sim imposto ao bebê, ele terá que se submeter ao que o ambiente demanda e assim não se torna uma experiência vivida; na verdade é uma falsa experiência colada a si. Experienciar, viver a experiência, torná-la sua, se apropriar da experiência, são sinônimos que trazem em si o lugar do verdadeiro *self*. Esta é uma grande diferença que pode haver na vida do ser humano, da ordem da riqueza interior, pois favorece o alcance do EU SOU. Se, ao contrário, o ambiente se impõe constantemente ao bebê e ele tem que se submeter ao que o ambiente demanda, ele não “está sendo”, o que significará ter a sua continuidade de ser continuamente interrompida. Assim, uma experiência vivida a partir dele mesmo, da ilusão da criação do mundo se transforma em uma falsa experiência, abrindo caminho para advir uma força maior de falso *self*.

A seguinte fala de Winnicott traz a esperança para o nosso trabalho:

Como já indiquei, é necessário considerar a impossibilidade da destruição total da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois mesmo no caso mais extremo de submissão, e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte existe uma vida secreta, satisfatória pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano. A insatisfação ali encontrada terá de ser compreendida pelo fato de que essa vida permanece oculta, carecendo por isso mesmo do enriquecimento propiciado pela experiência do viver (Winnicott, 1968b/1988, p. 81).

Retomo aqui o ponto inicial: o ser humano vem do não-existir para o ser; daquele isolamento inicial que Winnicott chama de essencial; de uma solidão essencial, mas que algo desse isolamento sempre será mantido.

Então, quero ligar esse isolamento que sempre será mantido como sendo o núcleo do verdadeiro *self* que fica para sempre incomunicável e isolado. Veremos que qualquer tentativa de violação, dependendo do momento no qual o indivíduo se encontra, poderá levar a resultados catastróficos.

Continuando neste breve passeio pela teoria de Winnicott, eu gostaria de trazer seu conceito de falha, como invasão ou intrusão. Lembrando que ele pontua que as falhas podem ser constitutivas, portanto, necessárias e fazem

parte da desilusão a favor do amadurecimento, ou então podem ser traumáticas, por serem excessivas. Nas intrusões traumáticas à época da dependência absoluta, o que é afetado e violado é o núcleo do verdadeiro *self* que mais tarde virá a se manter sempre isolado, mas que nesse momento tão inicial, onde o ego – que não se encontra ainda fortalecido – é terrivelmente afetado, e assim a continuidade de ser é invadida e interrompida. Nesse sentido o bebê sofre as ansiedades de aniquilamento e se estabelecem defesas como a psicose e o autismo, formas de isolamento nas quais a realidade compartilhada se esvanece. Estamos falando aqui de carência de cuidados do ambiente inicial.

Correlacionada a isto, encontramos a seguinte fala de Winnicott (1971, p. 97): “Na defesa a criança isola o que há de si mesma e assume posição de invulnerabilidade”. Mas temos sempre que pensar isto em relação ao grau de força egoica da criança e ao seu momento maturacional.

Com a privação que é um ponto ao qual eu gostaria de chegar, a falha de uma relacionalidade de ego com o ambiente, de um suporte deste, de uma identificação do ambiente com o indivíduo, leva a criança a cair num estado de solidão intensa, comparado ao estado de solidão do não estar vivo, pois, a privação já ocorre em momentos da dependência relativa, onde já houve algum atendimento suficiente às suas necessidades. Poderíamos dizer que esta criança que já viveu momentos de relação egoica com a mãe ou com quem dela cuida, suficientes para fortalecer seu ego, já viveu também as condições propícias para ter a ilusão de estar criando o mundo, tendo vivido assim a experiência de onipotência, de criador do mundo.

Essa criança que sofre a privação passa também por um tipo de ansiedade de aniquilamento, vivendo um estado neutro, um vazio, após o qual, devido a já dispor de recursos internos, ela vai em direção ao mundo em busca do que já teve, do tesouro perdido.

Aqui, chamo atenção a este estado neutro e faço a hipótese de ele ser como um estado de isolamento. Após ter vivido momentos de cuidados, de fortalecimento egoico e de atenções, esta relacionabilidade de ego é perdida, rompida abruptamente e a criança necessita retrair-se e voltar a um isolamento inicial.

Diferentemente do trauma na dependência absoluta que se constitui como uma violação ao núcleo do verdadeiro *self*, nota-se que, nesse momento já se apresenta um ego fortalecido pelos cuidados ambientais iniciais. O estado de isolamento é um recurso, em um momento agora mais maduro, de buscar soluções para o ocorrido. Relembrando a forma como a criança se sente: “Tudo ia bem até que algo aconteceu...”.

Em um trecho Winnicott nos fala assim: “e o resultado da deprivação é a calmaria, a desesperança, a depressão de algum tipo, ou qualquer outra defesa de vulto” (WINNICOTT, 1967/1994).

Penso nesse isolamento como uma espera, uma esperança, um estado de possibilidade de recriação do ambiente; uma chance para que o ambiente se restabeleça. Quando nada acontece, quando este ambiente mantém o padrão da deprivação, a criança usará recursos internos para exigir uma mudança – um retorno ao bem-estar. Seguem-se então a esse isolamento os sinais de tendência antissocial. São sinais que a criança emite, geralmente regressivos, com o intuito de fazer barulho, para que o ambiente se recupere. A criança faz um apelo para que seja notada, sente que perdeu o ambiente que a acolhia. Lembro aqui aquela música do Caetano onde diz: “Onde está você agora?”

Podemos ter um olhar para esses sinais como uma forma criativa de a criança fazer notar ao ambiente a sua presença e as suas necessidades. Uma volta, um retorno à recriação da realidade externa alcançada pela criança/bebê nos seus inícios.

Entre estes sinais de tendência antissocial vemos, às vezes, um retrocesso no controle esfinteriano, um gaguejar, um voltar a querer dormir com os pais, dentre tantos outros. Estes sinais iniciais podem ser “curados” pelos próprios pais. Winnicott nos fala em cura pelo mimo dos pais.

Vou trazer aqui um exemplo: Atendo um telefonema para o meu consultório, de uma mãe muito desesperada, pois seu filho com 2 anos e meio começou a gaguejar. Ela levou-o a uma fonoaudióloga que lhe deu o diagnóstico de gagueira, dizendo que ele precisava fazer o tratamento com ela três vezes por semana. Foi indicada por alguém a marcar uma consulta comigo. Ao ouvi-la, sinto estranho o fato de o menino receber este diagnóstico assim, fechado. Quando a convoco para marcarmos uma entrevista, essa mãe me fala que morava longe, e tinha um bebê. Compreendi o que podia estar acontecendo. Como estava com tempo, continuei conversando com ela sobre o efeito do nascimento da irmã, da perda da atenção exclusiva para ele etc. Orientei-a em dividir com o marido uma atenção ao menino em questão, e combinamos que depois ela me daria um retorno. Fazer esta mãe vir ao meu consultório seria muito sacrifício para ela, diria mesmo que era da ordem do impossível. Como consegui perceber o que se passava, optei então por orientá-la pelo telefone. Esse menino estava dando um sinal, um grito para que o ambiente o percebesse e se restabelecesse. Através de um rearranjo deste ambiente ele voltaria a ter seu lugar e a evoluir.

Quando o ambiente não é alcançado pela criança em seu apelo pela volta ao conhecido, veremos sintomas mais graves aparecendo, e se estendendo para o mundo em geral: destrutividade, agressividade, roubos etc.

Trago aqui outra fala de Winnicott que acho bem interessante até por casar bem com a contemporaneidade:

Um claro sinal da incapacidade de compreender crianças pequenas (ou crianças que sofreram de privação e necessitam de experiências regressivas capazes de curar) pode ser visto nos adultos que pensam ajudar a criança dando-lhe algo, sem perceber que a importância primária de sua presença ali está em receber. (WINNICOTT, 1954/2000, p. 366).

Aqui vou me estender um pouco mais no estudo da deprivação, assunto que me interessa muito para entendermos a tendência antissocial que pode resultar na delinquência, na qual vemos a capacidade criativa e o brincar saírem de cena.

Quando sofre de privação, a criança sente uma ansiedade impensável, e aos poucos vai se organizando numa espécie de estado neutro. Surge então, o comportamento antissocial que se caracteriza por atuações que escondem em si um pedido de socorro. Atrás de todo ato antissocial há uma esperança, esperança de conseguir retornar ao estado anterior à perda, e de não sofrer mais a possibilidade da ansiedade impensável, pois há uma consciência de que foi algo externo que falhou.

Como não conseguiu internalizar um controle, o antissocial exige que o ambiente que o cerca exerça esse controle, já que a falha ocorreu quando o ego já estava relativamente desenvolvido, do contrário teríamos a psicose onde o indivíduo ainda não tinha internalizado o ambiente. No entanto, o ego ainda está imaturo quanto a suportar a perda com uma reação madura; ele não consegue ainda elaborar o luto. A deprivação ocorre geralmente entre os dez meses e os três anos de idade.

Winnicott distingue duas formas de privação, simbolicamente ligadas à privação da mãe (do objeto), em termos da perda do cuidado, e a privação do pai (do limite, da moldura) ou da qualidade na mãe que mostra que ela tem o apoio do entorno. A primeira, ligada à perda da adaptação às necessidades egoicas, ainda na fase de dependência relativa, e representada pelo roubo que é a busca do objeto; e a segunda, em tempo um pouco posterior, ligada às necessidades instintivas (pulsionais) na perda de um ambiente indestrutível e expressada pela destrutividade.

A primeira forma de manifestação relaciona-se com a perda da possibilidade de encontrar o objeto criativamente. Inicialmente a mãe propiciava à criança ter a ilusão de ter criado o objeto, de uma hora para outra isso é rompido. Como tentativa de recuperar o objeto, a criança furta. E não sabe por que o faz; na verdade, ela não quer aquele objeto em si, ela está tentando recuperar a capacidade de encontrar.

A segunda forma tem a ver com a perda daquele ambiente indestrutível (em certos aspectos), no qual a criança podia exercitar sua destrutividade, sem que ele desmoronasse.

Vejamus uma descrição que Winnicott faz da criança normal em 1946, ele diz:

Como é a criança normal? Ela simplesmente come, cresce e sorri docemente? Não, não é assim. Uma criança normal, se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo, põe à prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se. Tudo o que leva as pessoas aos tribunais ou aos manicômios, (pouco importa, no caso) tem seu equivalente normal na infância, na relação da criança com o seu próprio lar. Se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar; mas primeiro os negócios: os testes têm que ser feitos, especialmente se a criança tiver alguma dúvida quanto à estabilidade da instituição parental e do lar (que para mim é muito mais do que a casa). Antes de mais nada, a criança precisa estar consciente de um quadro de referências se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de brincar, de fazer seus próprios desenhos, de ser uma criança irresponsável.

Pode ocorrer uma deprivação em termos, por exemplo, do rompimento de um lar, o que provocará na criança uma insegurança em relação a seus sentimentos e impulsos destrutivos. A criança se retrai, perdendo sua impulsividade e espontaneidade. Os sintomas aqui aparecem como uma tentativa de recuperação da segurança anterior. Como sabemos, para Winnicott, uma das características da saúde é a possibilidade de construir, de brincar, que no antisocial se perde dando lugar ao ato.

Se alguém exigir desta criança que explique os motivos de seus atos, a criança se sentirá pressionada, pois ela mesma não sabe a razão real que a faz agir dessa forma. Diante desta cobrança, a criança se sente dividida, entre uma parte severa consigo mesma e outra capaz de impulsos maléficos, e ela passa

então a mentir para não sentir a culpa. Vemos então a mentira associada tanto ao comportamento do furto como à tendência à destrutividade.

Ressalto aqui também uma outra forma de isolamento: o isolamento na adolescência como necessidade dessa passagem, e como um recurso também positivo – da ordem da saúde – para o enfrentamento de si mesmo. Trata-se de um isolamento como ponto de partida para os relacionamentos. Desse isolamento e do quadro conturbado que acontece na adolescência muitas vezes encontramos uma situação depressiva típica. Aliadas a tudo isso temos complicações provenientes das transformações corporais da puberdade, na qual o corpo, onde o eu está, sofre profundas modificações.

O rapaz ou a moça na puberdade podem ser descritos de várias maneiras, e uma delas se refere ao adolescente como um isolado. Esta preservação do isolamento pessoal é parte da procura de uma identidade, e para o estabelecimento de uma técnica pessoal de comunicação que não leva à violação do self central. (WINNICOTT, 1965/1990, p. 172).

Falei de alguns tipos de isolamento, o isolamento essencial, aquele antes do existir; o que ocorre no período da dependência absoluta como um retraimento para lidar preponderantemente com os objetos subjetivos, até porque não houve a passagem ainda para o “Eu SOU”, momento de me diferenciar do outro e de lidar com os objetos objetivamente percebidos. O bebê estava ainda, nesse momento, experimentando o caminho para SER e tudo é rompido. E o terceiro, que é o momento de isolamento da deprivação, o qual Winnicott chamou de estado neutro, ocorrendo durante a dependência relativa, onde está acontecendo ou se estabelecendo o caminho da fusão da raiz agressiva com a raiz erótica. Podemos dizer que acontece no alcance ou estabelecimento da posição depressiva, e alcance do *concern*. Então, a essa época, a criança já se encontra no processo de ter a noção de si mesmo e do outro. Neste momento da deprivação, ocorre uma desfusão da raiz agressiva, ficando esta desvinculada da raiz erótica. E essa raiz agressiva então, vai sair pura, solta, nas reivindicações que a criança faz ao mundo para este se restabelecer.

Digo aqui “ao mundo” porque o *holding* inicia-se na família, que por trás tem o *holding* da escola, da sociedade, e das estruturas governamentais, como se fosse um círculo dentro do outro, proporcionando a sustentação. Pois nesta fase a criança percebe, como eu disse, que algo lhe foi tirado, vivendo inicialmente este momento de isolamento seguido de uma reivindicação mais agressiva, caso não tenha conseguido que fosse percebida.

E por ter se dado esta defusão com a privação, a agressividade sai para o mundo, pura e desvinculada da raiz erótica. Veremos os furtos, as destruições e os gestos agressivos tomarem lugar. Assim, munido da esperança de restabelecer o que perdeu, o antissocial começa reivindicando na família, e vai estendendo seu apelo para a escola e para os outros círculos de um possível *holding*.

Em uma fala de Winnicott vemos: “Ironicamente, a criança que é compelida a proclamar e reclamar esta queixa na sociedade é chamada de mal-ajustada [ou ‘desajustada’]”. (WINNICOTT, 1963/1990).

Na verdade, o desajuste ocorreu no ambiente.

Em relação aos indivíduos que tiveram que se defender, se isolando como uma organização defensiva frente à intrusão excessiva, Winnicott nos fala: “A terapia adequada a esse tipo de distúrbio deve proporcionar uma adaptação ativa à necessidade e construir um respeito pela noção de processo”. (WINNICOTT, 1952/2000, p. 310).

Gosto desta citação, pois vemos implícito algo de que precisamos lançar mão, não só neste momento que estamos vivendo, mas na nossa clínica de um modo abrangente.

Esta noção de respeito pelo processo, para mim, casa com a noção de experienciar que apontei mais acima. A partir de vivências experienciadas na análise entre cada par analista/analizando, com um ritmo particular de cada dupla, algo vai acontecendo, se processando, se constituindo no tempo particular de cada um.

Pensando agora um pouco a privação em termos do que estamos vivendo em função da pandemia, fomos tirados violentamente do convívio social, da nossa liberdade de ir e vir. E se pararmos para pensar em nosso trabalho específico, tivemos a privação do nosso espaço de atendimento construído passo a passo e individualmente com cada paciente. E, pelo lado do paciente, também houve perda significativa em volta do seu *setting*. Toda a preparação dele durante a ida para sua hora, pois vão sendo criados hábitos ou no caminhar, ou dirigindo, ou mesmo ao saírem de casa. O uso do espaço é particular e peculiar a cada um, o uso do divã, sua disposição corporal e tantos detalhes que lhe foram tirados de uma hora para outra.

Se pararmos para refletir, esta privação foi vivida diferentemente por cada um, tanto no lugar de analista como no dos analisandos. Lembrando aqui que esta privação acontece em um momento no qual a maioria de nós – analistas – e alguns pacientes estão em um caminho rumo a independência, e não mais

na dependência relativa conforme as raízes da tendência antissocial. Nesta última, como vimos, quando ocorre a deprivação, temos como consequência as regressões e desfusões desastrosas.

Penso que a vivência de um trauma de tal ordem em indivíduos são, integrados, a reação em um primeiro momento do impacto se deu com um isolamento, seguido de um segundo momento de reestruturação e retransformações, que eu gostaria de nomear aqui como rearranjos criativos.

Fomos tirados sim de nossas raízes, de nossas construções com cada paciente em particular. Sendo assim, supondo que já estamos munidos de um ego fortificado, este poderá ser nosso aliado frente a essas adversidades. No entanto, pudemos perceber momentos regressivos de diversas formas, alguns analistas precisando de um contorno, de um *holding* interno ou externo para, vamos dizer, se recompor aos poucos. Por exemplo, nós analistas nos vimos cercados de suporte com as *lives* onde podemos nos encontrar e trocar experiências – nosso *holding*. Novamente aqui o isolamento como movimento criativo, para transformarmos nossa solidão em solidão compartilhada.

Assinalo aqui também que, ao pararmos para refletir sobre um trabalho a escrever, temos a tendência a nos isolarmos em nós mesmos, surgindo nestes momentos as ideias a serem elaboradas. Novamente aqui o isolamento, provocando atos criativos. Hanna Arendt (1977) diz: *“Todo pensamento estritamente falando é elaborado em solidão e é um diálogo entre mim e eu mesma”*.

Ao observar estes movimentos, acho que caberia dizer aqui que nos momentos iniciais desta deprivação ocasionada pela pandemia houve também um momento natural de isolamento, tal qual ocorre no processo da deprivação, e em momentos de grande mudança como na adolescência, onde nos afastamos e reavaliamos nossas potencialidades, derivando no fato de que alguns analistas precisaram de um tempo para começar os atendimentos *online* e por vezes, acontecendo o mesmo com alguns pacientes que voltaram pouco a pouco. Observamos assim em muitos, a força de ego presente para lidar com seus momentos regressivos próprios de uma deprivação, conseguindo, assim, utilizar sua potência criativa para recriar o novo espaço. Resalto aqui novamente, a experiência de isolamento como potência de atos criativos – de rearranjos criativos.

Em outro viés, na perspectiva sociopolítica, temos que lidar com tantos outros que exibem ostensivamente suas defesas maníacas, negando a realidade da deprivação e se exibindo como invulneráveis. Penso aqui, dentro do olhar de Winnicott, que são indivíduos que não alcançaram a posição de-

pressiva e o que lhes falta é essencialmente a capacidade de se preocupar, do *concern*.

Arriscando-me aqui a fazer uma junção, essas pessoas ao precisarem negar a pandemia e atuarem não estariam cometendo atos antissociais? E estes não seriam derivados de uma falta de estabilidade, de perda de referências do círculo maior que nos sustenta, o Estado?

Lembrando que brinquei no início acerca da possibilidade de chegarmos a uma capacidade de isolamento. Será que poderíamos inferir que os indivíduos que não alcançaram uma posição depressiva se deparam com uma incapacidade de se isolarem? Por outro lado, não alcançaram a posição depressiva porque não tiveram inicialmente um ambiente que possibilitasse seu gesto espontâneo, sua criatividade primária. Isto equivale a dizer que houve no início um ambiente suficientemente intrusivo, o qual não possibilitou o alcance de várias potencialidades que trazemos ao nascer. Dentre elas se encontra a capacidade de estar só que nestes casos, penso eu, não pode ser alcançada. A capacidade de estar só deriva essencialmente de uma internalização de um cuidado, de uma presença garantida.

Embora muitos tipos de experiência levem à formação da capacidade de ficar só, há uma que é básica, e sem a qual a capacidade de ficar só não surge; essa experiência é a de ficar só, como lactente ou criança pequena, na presença da mãe. Assim, a base da capacidade de ficar só é um paradoxo; é a capacidade de ficar só quando mais alguém está presente.

A capacidade de estar só diz de uma solidão, de um isolamento que em vez de ser temido é vivido e explorado como algo pleno de potencial criativo e elaborativo. Winnicott se utiliza da expressão “ligado ao ego” para explicar suas raízes.

Ligado ao ego se refere à relação entre duas pessoas, uma das quais está de qualquer modo só; talvez ambas estejam sós, e ainda assim a presença de uma é importante para a outra.

Lembro aqui do filme *Náufrago* onde ele se encontra em uma ilha sozinho e sobrevive através de sua criatividade – de um rearranjo criativo. Nomeia sua bola de Wilson e o faz de companheiro. Podendo assim suportar com criatividade a deprivação que sofreu.

Podemos pensar também em Anne Frank com seu diário...

E para finalizar trago a poesia que sempre nos complementa em nossas reflexões:

“Que minha solidão me sirva de companhia
Que eu tenha a coragem de me enfrentar
Que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse
plena de tudo”
(Clarice Lispector)

“Ando de um lado para Outro dentro de mim
Estou bastante acostumada a estar só mesmo junto dos outros”
(Clarice Lispector)

“A liberdade é a possibilidade do isolamento
Se te é impossível viver só,
Nascestes escravo”
(Fernando Pessoa – Desassossego)

Maria de Fátima de Amorim Junqueira
mfatimajunqueira1@gmail.com

Referências

ARENDDT, H. *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

LISPECTOR, C. Pulsações. In: _____. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PESSOA, F. *Desassossego*. 2. ed. São Paulo: Principis, 2019.

WINNICOTT, D.W. (1946). Alguns aspectos psicológicos da delinquência infantil. In: _____. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. (1949). Memórias do nascimento. In: _____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1952). Psicose e cuidados maternos. In: _____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1954). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: _____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1963). Os doentes mentais na prática clínica. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. (1965). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. (1966). Ausência de sentimento de culpa. In: _____. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. Um estado primário do ser. In: *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1967.

_____. (1967). Pós-escrito: D.W.W. sobre D.W.W. In: _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. (1968). O aprendizado infantil. In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. (1968b). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. (1971). Parte um – Bob. In: _____. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1984.